DA NECESSIDADE E UTILIDADE DA GUERRA

Debate nas vésperas da Grande Guerra

Se excluirmos alguns conflitos de curta duração no leste europeu, nomeadamente os relacionados com a luta de libertação dos países subjugados pelo Império Otomano, poderemos afirmar que a Europa Ocidental conhecera, desde 1871, um longo período de paz. Durante 43 anos, nenhuma guerra envolvera o confronto directo entre as grandes potências europeias, o que não tem paralelo na história do Velho Continente.

Podemos concluir, por conseguinte, que, durante esse espaço de tempo, houve condições para um distanciamento prático do fenómeno da guerra e de todas as calamidades a ela associadas. Ao mesmo tempo que se produzia esse distanciamento, propício à desvalorização e esquecimento dos malefícios da guerra, parece ter-se desenvolvido a ideia de que a paz não era um bem absoluto.

As tensões que se foram acumulando na Europa ao longo dos primeiros catorze anos do século XX, conjugadas com o crescente desenvolvimento e difusão de jornais, revistas e livros, permitiram – talvez pela primeira vez na história da civilização ocidental – a ocorrência de um significativo confronto de opiniões, no qual participaram políticos, militares, agentes económicos, historiadores, filósofos, etc. Todas as intervenções aceitavam como plataforma comum a percepção de que se estava a caminhar para um conflito de grandes proporções, envolvendo um elevado número dos principais Estados europeus. A partir daí, as opiniões divergiam: havia os que davam a guerra como um mal inevitável, os que glosavam sobre a importância da guerra no desenvolvimento da humanidade, os que a viam como algo de conjunturalmente indispensável para o país a que pertenciam, os que eram contra a guerra por uma questão de princípio e os que, não sendo pacifistas, insistiam na tese de que a guerra se transformara em algo incapaz de qualquer utilidade, mesmo para os hipotéticos vencedores.

O que pode chocar a sensibilidade de hoje é o facto de ser perfeitamente detectável, por entre as diversas opiniões expressas, a existência de "partidos da guerra", em assanhada oposição a toda e qualquer filosofia pacifista. E esse "choque" aumenta quando nos apercebemos, pelo resultado da guerra que se seguiu, quão longe estavam da percepção da sua utilidade. Por fim, é hoje evidente que poucos pressentiam que o que se ia passar ao nível dos campos de batalha e da condução da guerra se aproximaria tanto de uma equilibrada carnificina estática.

Numa obra publicada em 1912, o general alemão Friedrich von Bernhardi alertava, assim, os seus compatriotas para o que julgava serem os perigos do pacifismo:

O valor da guerra para o desenvolvimento político e moral da humanidade tem vindo a ser criticado, por largos sectores do mundo civilizado contemporâneo, de uma forma que ameaça enfraquecer as capacidades de defesa dos Estados, minando o espírito guerreiro do povo. Essas ideias encontram-se largamente disseminadas na Alemanha, e a generalidade da nossa nação parece ter perdido aquele entusiasmo idealista em que se fundou a grandeza da sua história. Com o crescimento da riqueza, os cidadãos vivem para o momento, são incapazes de sacrificar o prazer da hora que passa pelo serviço das grandes causas, fechando complacentemente os olhos aos deveres do nosso futuro e aos prementes problemas internacionais que presentemente aguardam solução.¹

¹ BERNHARDI, Friedrich von, Germany and the next war, p. 6.

Mais adiante, declarando-se um determinado opositor das ideias pacifistas, Bernhardi considerava que as tentativas para abolir a guerra eram «não só imorais e indignas da humanidade»² como constituíam, também, uma tentativa para privar o homem do seu bem mais precioso – o direito de arriscar a vida por um ideal. O povo alemão, concluía, «tem que perceber que *a manutenção da paz não pode, e nunca deve, ser o objectivo da política.*»³

De uma forma menos crua, mas sublinhando sempre a "necessidade da guerra", se tinha pronunciado, em 1880, o marechal Helmuth von Moltke, numa carta endereçada ao jurista suíço Johann Kaspar Bluntschli:

Primeiro, concordo plenamente com os esforços humanitários tendentes à diminuição dos sofrimentos provocados pela guerra. A paz eterna é um sonho – e nem mesmo um sonho lindo. A guerra faz parte da ordem mundial de Deus. É nela que se revelam as mais nobres virtudes do homem – coragem e renúncia, lealdade ao dever e prontidão para o sacrifício –, com risco da sua vida. Sem guerra, o mundo mergulharia num pântano de materialismo.⁴

Poucos anos depois (1899), seria a vez do presidente dos EUA, Theodore Roosevelt, afirmar que «neste mundo, uma nação que se tenha preparado para um comportamento permanente desligado da guerra e num isolamento fácil está destinada, em última instância, a inferiorizar-se perante outras nações que não perderam as qualidades viris e aventureiras.»⁵

Num sentido igualmente antipacifista se manifestaria, em 1911, o general alemão Wilhelm Balck, valorizando o sacrifício das vidas e a sua inevitabilidade no contexto de uma guerra:

É sempre caso para suspeitar quando as tropas se acostumam a considerar que baixas insignificantes é sinónimo de uma boa liderança. As grandes vitórias são, como regra, acompanhadas de grandes perdas.⁶

Mas não eram só as condicionantes físicas e morais do belicismo varonil que eram motivo de acalorada prédica. Não faltava quem defendesse abertamente a ideia da guerra como instrumento para garantir objectivos económicos e financeiros. Em 1897, a *Saturday Review* deixava no ar este significativo alerta:

O príncipe Bismarck há muito que reconheceu o que, finalmente, o povo inglês começa a compreender – que, na Europa, há duas grandes e irreconciliáveis forças opositoras, duas grandes nações que poderiam fazer de todo o mundo um seu domínio, daí retirando o tributo do seu comércio: a Inglaterra, com a sua longa história de bem-sucedidas agressões, com a sua maravilhosa convicção de que ao cuidar dos seus próprios interesses está a contribuir para espalhar a luz entre nações mergulhadas no obscurantismo, e a Alemanha, osso do mesmo osso, carne da mesma carne, com uma força de vontade menor, mas, talvez, com uma inteligência mais penetrante, as quais competem em todos os cantos do globo. No Transval, no Cabo, na África Central, na Índia e no Oriente, nas ilhas do Mar do Sul e no longínquo Noroeste, onde quer que (e onde é que assim não é?) a bandeira seguiu a Bíblia e o comércio seguiu a bandeira, lá está o caixeiro-viajante alemão em competição com o vendedor inglês. Se há uma mina para explorar, um caminho-de-ferro para construir,

² *Ibidem*, p. 22.

³ *Ibidem*, p. 24.

⁴ On the Nature of War by Helmut Moltke (the Elder), in http://wwi.lib.byu.edu/index.php/On the Nature of War by Helmut Moltke (the Elder).

The Strenuous Life, http://www.bartleby.com/58/1.html.

⁶ BALCK, William, *Tactics*, p. 109. Citado por HOWARD, Michael, *Men against fire: the doctrine of the offensive in 1914*, p. 521.

um nativo a converter de consumidor de fruta-pão em consumidor de carne, de abstémio em bebedor de gin, o alemão e o inglês lutam pela primazia. Um milhão de pequenas disputas estão a construir a maior causa de guerra que o mundo jamais viu. Se a Alemanha fosse extinta amanhã, no dia seguinte não haveria um só inglês no mundo que não se tornasse mais rico. Durante muitos anos, as nações têm feito a guerra por causa de uma cidade ou pelo direito de uma sucessão; não será que devem lutar por um comércio de duzentos milhões de libras?⁷

David Martelo - 2013

.

⁷ England and Germany, In Saturday Review, Londres, 11 de Setembro de 1897.